

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 35540 réis — Semestre, 18770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anúncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 35000 réis— Semestre, 18500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 140

QUARTA-FEIRA 5 DE NOVEMBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

## Aveiro 5 de novembro

Estava prompto para entrar no prelo este numero do nosso jornal, quando hontem recebemos a noticia do fallecimento do sr. José Estevão Coelho de Magalhães. Surpresos e aturidos por tão inesperado golpe, sobreestivemos á publicação, dando immediatamente em supplemento o telegramma que nos dirigiu o sr. conselheiro A. R. Sampayo, momentos depois do fatal acontecimento.

Depois deste telegramma recebemos mais quatro de diversos amigos nossos, que nos confirmaram a noticia, que, apesar de toda a respeitabilidade da pessoa que nol-a communicára, parecia inacreditavel ao nosso coração. Em todos esses quatro telegrammas, porem, nenhum adiantava mais que o do sr. Sampayo. A perturbação era tão grande na capital, como aqui, em todos os amigos do illustre finado.

Hoje é que os telegrammas expedidos para os jornaes do Porto, e que em seguida transcrevemos, adiantam alguma coisa, mas contradictoriamente. O *Braz Tisana* diz que a causa da morte fóra uma pernicioso, e o *Commercio do Porto* falla d'uma congestão cerebral. O *Diario Mercantil* concorda n'esta ultima versão, que o conhecimento que tinhamos do sr. José Estevão nos fizera logo aventar apesar deste ataque coincidir com a segunda feira anterior, em que o nosso amigo tivera outro de que se achava restabelecido.

Em um á ULTIMA HORA diz o *Commercio* que a sua cadeira no parlamento estiverá coberta de crepe na occasião da abertura.

Era justo!

A tribuna parlamentar está realmente de luto: o paiz perdeu o seu primeiro orador, um dos seus maiores talentos, e Aveiro perdeu tudo.

## TELEGRAPHIA ELECTRICA

(Ao «Diario Mercantil»)

LISBOA 4 DE NOVEMBRO A'S 2 H. E 45 M. DA MANHÃ

Aos 30 minutos da manhã de hoje morreu o sr. José Estevão.

Domingo tomára um laxante, pouco depois um banho quente. Sobreveiu-lhe congestão cerebral e a morte.

(Ao «Braz Tisana»)

LISBOA 4 DO CORRENTE A'S 8 H. E 9 M. DA MANHÃ

Falleceu hoje pela meia noite o grande orador José Estevão Coelho de Magalhães. Succumbiu em 30 horas a uma pernicioso.

## FOLHETIM

### UMA VIAGEM A MADEIRA

EPISTOLAS

Amigo

Funchal 21 d'agosto de 1862.

(Continuação do n.º 139.)

Com invectivas sem interrupção, tiradas das mais insignificantes occasiões, iam-me affrontando altamente o amor patrio, e foi difficil na minha susceptibilidade, a todos commum aliaz nestes casos, foi-me custoso, digo, rebater só por palavras as suas asserções! Todavia, não sei por obra de que espirito afflaute, eu naquella occasião estava eloquente, e recambiava-lhes com grande successo as censuras, que irrogavam á nossa civilização.

Tu fizeste uma careta d'incredulidade, quando te disse, que estava eloquente; mas para que não admires, devo observar-te, que este phenomeno tem boa explicação no facto de me exacerbarem muito a vaidade nacional aquelles dignos filhos de Tuy (soube depois, que eram de Barcel-

(Ao «Commercio do Porto»)

LISBOA 4 DE NOVEMBRO A'S 10 H. E 28 M. DA MANHÃ

Morreu esta noite esta noite José Estevão Coelho de Magalhães d'uma congestão cerebral, sobrevinda a um banho quente tomado no domingo.

Não é facil dizer quanto é profundo o sentimento de Lisboa por tamanha perda. Ha trez dias passeava ainda por Lisboa José Estevão cheio de vida.

## A ULTIMA HORA

LISBOA 4 A'S 2 H. E 20 M. DA TARDE

A cadeira do sr. José Estevão estava coberta de crepe. Isto augmentava a tristeza geral por tão grande perda.

Espera-se que o enterro amanhã será concorridissimo.

A' viuva ou ao filho do sr. José Estevão dizem que será dado um titulo.

## ABUSOS DE LIBERDADE DA IMPRENSA MADEIRENSE

A cultura, a civilização humana propalase no presente, denuncia-se á posteridade pelo arauto impenso da imprensa! Por maiores apologias, que se façam desta grande voz do progresso, não se cança, quem considera nos beneficios deste miraculoso elemento de prosperidade, de apregoar a sua influencia nos destinos da humanidade. Deleita-se o espirito em se desenvolver por todas as manifestações possíveis de gratidão ao genio, que o dilatou, que o expandiu por esta invenção divina, e a sua ultima voz será de reconhecimento!

Guttemberg foi o Promoteo da renascença! Com essa luz, que roubou aos céos, esclareceu os destinos do mundo! A sua missão ficou sendo uma missão divina, um auxiliar da regeneração, — dilatar os horizontes do homem, assignar-lhe uma mais longa vitalidade!

Com effeito, a imprensa na sua multiplicidade de formas arrasta a traz de si todos os destinos do seculo, a que preside; porque a imprensa é a humanidade escripta, é o espirito do homem estampado no papel, que o difunde, que o amplia, que o encarna no presente e o assimila ao futuro! Mas no meio de seus destinos sublimes a sua direcção poderá ser indifferente, a sua applicação arbitraria, a sua manifestação sem regimen? Não por certo; que todos os elementos sociaes tem uma acção regulada.

O naturalismo, dos que suppõem em tudo influxo d'uma agencia particular, ou o systema daquelles que crêem nas evoluções casuaes do mundo, são duas theorias, que desvirtuam, pela sua extremidade, a philosophia, ou a sciencia da verdade, que jaz na conciliação dos extremos. Crê-se portanto, que não se devolve a uma revelia incomprehensivel a acção do jornalismo, ou da imprensa nesta apothose da sua expansibilidade. A sua cooperação na obra social não é uma ficção. Elemento de publicidade, é o mesmo que proclamal-o um elemento de democracia, que da-

lona, mas foi aquelle o conceito, que formei da sua filiação; e tu sabes que as grandes affecções são origem de grandes cousas, e muito para desbaratar a vergonha, e dissipar o acanhamento!

Declarei-me pois com toda a energia contra todos os seus juizos, filhos tambem de pouco rebuço, e respeito; e por isso lhes fui fazendo sentir por ignominiosas certas nodos nacionaes; não podendo esquecer por mais degradantes e diffundidas essas celebradas execuções politicas, que como um echo sanguinario repercutirão pelo mundo, para receber da civilização deste seculo o anathema da mais fulminante reprobção! E' uma imprudencia atirar insultos a uma nação aliada, e mais que isso forte; mas nesta conjunctura significavam uma represalia justissima, um desforço opportuno, conveniente e necessario! necessario por certo, conto uma instrucção proveitosa á ignorancia, que, impada pela gloria d'alguns feitos nacionaes, cae em crer, que se sobreleva a todos, e a todos trata com menos consideração. E' na verdade uma demonstração generosa o encaminhar para a prudencia por estas suaves convicções a estes inexperientes, para lhes poupar convicções mais duras e severas. Mas quando não sejam ainda assim taes rasões de generosidade, quem não relevará tão justos desafogos?

A Hespanha, ou melhor Castella, encravada

quella tira esta a sua essencia; quando não fóra senão nesta particularidade da sua missão, a imprensa periodica merecia o acatamento de todos, que aspiram ao seu engrandecimento pela liberdade. E' por isso, que em todos os paizes, onde se torna condição de governação o jornalismo, que em todos os paizes onde a mola real do seu systema d'acção disciplinar é a tolerancia, se proclama como preceito da lei constituinte a plena e desembaraçada desenvolvimento d'esse generoso agente publico. Instituição tão importante, como aquella d'onde se deriva, e que a sustenta, é mister o uso legitimo das prerogativas accessorias, para que o melhor elemento d'ordem e vida nacional, se não converta no peor agente d'anarchia pelo despotismo das turbas.

A imprensa representa nos governos democraticos a intervenção constante do voto popular nas cousas publicas, — significa a dilação do principio de disciplina até ás mais infimas classes sociaes. Nesta conformidade, se o voto do povo, que a constitue, é o voto caprichoso das facções, a disciplina é uma asserção desmentida pelos seus proprios elementos! E' por isso que nada ha mais lamentavel do que os desvaireamentos da imprensa. Na sua obrigatoria collaboração em todos os ramos governamentais, nos seus deveres auxiliares da ordem e da moralidade, quando ella se arvora em pregocira do desacato, em arauto da affronta, cae sobre ella o vilipendio da censura de todo um seculo! A cultura, de que ella deve ser a apothose escripta, ergue-se com toda a irritação d'uma grande dignidade offendida, para fulminar a sua maldição tremenda ao vil instrumento do retrocesso!

Quem disser que ha uma terra considerado no nosso paiz, uma cidade importante, e que jaz sob uma directa vigilancia de autoridades portugezas, onde a imprensa periodica exerce, por quasi exclusivo officio, a calunnia, alimenta por unico emprego da sua missão a intriga, e a discordia nas familias; e que, sem se contentar com estes vis e mesquinhos entretenimentos, se eleva ao apogeo da insolencia, pretendendo empanar o brilho da nossa coroa, enodoar o manto de nosso reis; poder-se-ha crer, que não esteja em igual exercicio da calunnia? Pois é uma vergonhosa verdade attestada ahi pelo processo menos vulgar promovido pelo M. P. contra um periodico do Funchal, na Ilha da Madeira, que enxovalhou os arminhos do manto do senhor D. Luiz I, que affrontou a lei constitucional do paiz, que não respeitou a inviolabilidade regia, que ousou atirar o insulto ao monarca, como usa fazel-o nas suas abjectas aggressões ás autoridades locais! Inaudita ignorancia! que infama a tão nobre instituição da imprensa, que degrada até á mais infima abjecção o officio de jornalista!

Nós os que sabemos comprehender a honestidade dos nossos deveres, nós que occupamos com direito o nosso posto na obra immensa da moralidade, ergamos um protesto contra estas aberrações, desaffrontemos solemnemente a classe, a que nos achamos ligados, pegamos o cumprimento da lei, reclamemos o rigor da penalidade,

entre dois paizes de bandeiras livres, não pôde ainda ser movida, pelo entusiasmo dos mais ardentes evangelistas da civilização, a rasgar a pagina odiosa do seu obsoleto codigo de tyrannias; e nós poderemos manter-nos impassiveis, quando se nos affronta a nossa civilização liberal?! Entre o alarido de todos os protestos europeus vae sustentando esta nação o mais abominavel anachronismo, a pena de morte nos crimes politicos, e nós humilhar-nos hemos ante um seu subdito, que nos insulta, a nós, que vamos manifestando a mais plena acceitação dos principios liberaes da revolução democratica, em quanto que ella vae indignando, vae reptando a civilização desta quadra com o seu despotismo militar, e intolerancia verdadeiramente theoretica?!

Isto são reflexões, que agora te faço, para encher papel, porque então pouco disse, mas quanto foi sufficiente para domar um pouco a soberba do inimigo furibundo.

Como a conversação ia versando sobre um como que paralelo, que queriam formar entre os dois paizes vizinhos, recorreram os taes senhores a um outro elemento, que, segundo elles, denuncia a prosperidade das nações — a organização militar! Mais se enterraram porém n'esta parte!

Censurando por este lado, talvez com alguma justiça, a debilidadade das nossas forças de mar

para quem transgride por maneira tão insolita os preceitos do seu codigo natural d'acção!

O senhor D. Luiz I.º foi insultado por um periodico do Funchal com os epithetos de *automato, pusilanime* etc. e com uma atrevida asserção, de que era a maior injuria, que se podia fazer á memoria do senhor D. Pedro V, o compurar com este o senhor D. Luiz! e com estes crimes de lesa-magestade provados foi o periodico absolvido pelo jury d'aquelle julgamento, apesar de haver sido dado foi eniquo pelo digno juiz!

Já que este favor publico, pois, teve força para embargar a acção judicial dirijamos uma petição de desagravo ao governo, visto que d'elle tudo se usa esperar, para que dê alguma independencia ao poder judicial nestos crimes.

E' tão aberta violencia da lei esta decisão d'un jury *iniquo*, que não se pode consentir semelhante auctorisação d'esta ordem de delictos por uma sentença judicial!

Favorecidos sempre pelo assentimento do povo, no qual influem os clamores d'uma imprensa d'essas, os desacatos á coroa, porque lhe não comprehendem a gravidade, bem se vê, que a sua intervenção neste julgamento é uma inconveniencia, contra que devem protestar uma triste experiencia e os interesses geraes de acatamento á magestade da coroa.

Ninguém por certo quer ver a penalidade para estes casos substituida por um arbitrio reprovado, mas a tolerancia tem limites, e o jury parece ser aqui um excesso de tolerancia, porque significa a intervenção do arbitrio d'un elemento sempre hostil á realza, que sempre está prompta a aclear a que a não respeitam...

Seja porém o que for, é certo, que com estes exemplos de desacato perde todo o seu prestigio a coroa, e para o sustentar, se assim o carece a tranquillidade, e os interesses da constituição, é mister que o poder judicial tenha a necessaria força para o desenvolver sem embaraços. A segurança dos agentes d'este n'um paiz, onde o jornalismo proclama com toda a energia do seu prestigio nos espiritos populares o desrespeito o insulto delles, não pôde ser affiançada por ninguém, e o governo não deve sacrificar a rectidão ou inteireza de nenhum caracter publico a um exercicio perigoso do seu cargo, tão sujeito ás contingencias de attentados contra elle, como o está indicando aquelle que ainda ha pouco teve logar contra um juiz da mesma ilha da Madeira!

Se esta terra por indole do seu povo, ou por effeito da sua imprensa, é insubordinada e revoltosa, garanta o governo a segurança das autoridades pelo meio mais idoneo, da força armada se for necessario. Não ha, na verdade, cousa mais desanimadora, do que ter um juiz, por exemplo, feito toda a sua carreira já com louvor da imprensa, já dos povos, a quem tem administrado justiça, e que depois por premio dos seus trabalhos seja atirado ao meio d'uma plebe insultuosa, como a que preside ao jornalismo madeirense, cercado de todos os perigos, de quem não tem considerações algumas para toda e qualquer auctoridade!

e terra, denunciaram mais uma vez os instinctos mal domados d'uma nação fera, as tendencias barbaras e anti-sociaes do seu paiz — armas e guerra! E' verdade, que nesta quadra convulsiva, em que as sociedades se estão revolvendo para uma grande geração de liberdade, todos os espiritos parecem respirar só combates: o alarido das multidões agitadas, o estrondo e vozeria das batalhas suffocam as ideias generosas. A fumaça dos canhões rajados envolve e obscurece os grandes pensamentos, que só da paz se alimentam, e em tal conjuctura revolucionaria só se cura de reduzir as finanças publicas a grandes elementos bellicosos, formidaveis aprestos de guerra! verdadeira monomania das sociedades modernas!

Mas ainda assim esta situação anarchica não desculpa, que, quem se acha retrahido ao exame das questões sociaes, as não aprecie á luz dos verdadeiros interesses humanitarios, e que não fulmine do alto de toda a sua philosophia, ou que lamente do fundo de toda a sua sensibilidade, os destroços e prejuizos da guerra, as consequencias dos desastrosos populares. Quando o genio dos combates o anjo das victorias, astro immenso de liberdade, que influencia os destinos da Italia — Garibaldi — aconselha e recommenda no meio dos seus triumphos a extincção dos exercitos permanentes, permanentes profestos contra a fraternidade das nações, ninguém desconhece, que é, porque acima

## A industria mineira em Portugal

(Continuação do numero antecedente.)

«A opinião, as leis, os costumes e os preconceitos por um lado, por outro a ignorancia acerca das condições essenciaes d'esta industria, a falta de aptidão tecnica desde o simples operario até ao director, o atraso das industrias auxiliares, que fornecem ás minas os materiaes e instrumentos de trabalho, ou consomem os seus productos, a carestia dos capitaes, a incerteza inicial dos gastos e dos resultados da exploração, e finalmente a difficuldade dos transportes, são obstaculos capazes de assustar os mais ousados capitaes. O ultimo principalmente, o que mais avulta entre todos, de que todos dependem directa ou indirectamente, é a fricção mais forte da machina social, é a paralyisa da civilisação. Sem a facilidade dos transportes, a primeira industria extractiva, assim como a agricultura, ou não podem nascer, ou arrastam inevitavelmente uma vida rachimica e miseravel. Deante d'esta difficuldade immensa, acompanhada da incerteza inherente á industria subterranea, o capital, de sua natureza medroso, recua espavorido, e prefere á brilhante perspectiva de uma subita fortuna os lucros modestos, mas seguros de uma industria conhecida. Que será quando, além d'este, tem que arrostar mil perigos que lhe embargam o passo como outros tantos dragões do jardim das Hesperides? Decerto não imita o heroe semi deus. O capital, ao mesmo tempo conservador e progressista, preferindo ás cordas de loiro e de carvalho o ramo de oliveira, o que faz é buscar outros sitios onde haja menos dragões e mais pomos de ouro.

São raros os jazigos que remuneram o capital bastante atrevido para exploral-os em condições tão desfavoraveis; e rarissimos aquelles que logo á superficie se apresentam sem esse caracter aleatorio que lhes é proprio.

As catastrophes mineiras são devidas de ordinario, ou á insufficiencia dos capitaes, ou á sua impaciencia, unidas quasi sempre á ignorancia das condições industriaes da empresa a que se abalamam. Muitos emorrem e são vencidos em frotões; alguns ainda chegam a abrir a brecha, para outros entrarem na praça, muito poucos os que devem a victoria á coragem da paciencia. A historia das minas está cheia d'estes exemplos em todos os paizes há infancia da industria.

Não servem de escarmento as desgraças estranhas; é preciso para aprender a propria experiencia; e Portugal ha de passar como todas as nações, por esse duro frotino. Entretanto, o resultado mais vulgar dos primeiros reveses é o terror panico das victimas, que, propagando-se pouco e pouco, se apodera de todos e descredita injustamente a industria mineira na opinião geral, que sem indagar as causas avalia quasi sempre o negocio pelo exito da empresa.

Afortunadamente, nem todas as minas em Portugal se acham rodeadas de tantos fossos e reductos.

A mina de S. Pedro da Cova está ás portas do Porto, que é um consumidor insaciavel do seu carvão.

A mina de chumbo do Braçal, ao pé do Vouga, teve a fortuna de descobrir um mineiro exemplar, que á força de sacrificios e constancia soube aguardar o fructo onde outros só teriam colhido flores amargas.

A companhia do Pallal não quiz debilitar-se, espalhando-se. Acertou na escolha do ponto de ataque, concentrou n'elle as forças robustas da associação, e chegou em pouco tempo aos dividendos.

O jazigo de cobre de S. Domingos é um deposito inexgotavel, em que o grande problema mineiro da quantidade está completamente resolvido.

Entre a mina e o porto de embarque havia um obstaculo que absorvia todo o producto distribuido por uma infinidade de almocreves que não transportavam uma tonelada por menos de 3800 réis. O ferro salvou o cobre.

Dois barras de 17 kilometros encarregaram-se do serviço dos burros por menos da decima parte do salario. E' verdade que as barras

custaram 200.000.000 réis, mas que importa, se este capital realisava uma renda igual ao duplo.

Estes são os exemplos que é preciso imitar. Força, vontade e intelligencia.

Outros pontos bem escolhidos já começam a dar boas operações, e não se creia que estão todos tomados.

Os pequenos capitaes, que, isolados, podem ter vontade e intelligencia, só encontram a força na poderosa alavanca da associação. Contudo as minas também admittem e podem recompensar generosamente os pequenos capitaes, quando elles conhecem bem a sua missão e sabem limitar-se a um trabalho que não exceda as suas forças. As pequenas companhias de exploração bem dirigidas são as forças inicias que dão impulso ás grandes empresas geralmente pouco aventureiras. São os batedores que, reconhecendo o terreno determinam o movimento das massas.

A empresa da lavra de S. Domingos foi precedida por uma companhia de exploração, que, com cinco mil libras, abriu o caminho a cem mil, e foi amplamente recompensada.

Entretanto, as pequenas associações, que algumas vezes são dotadas de boa vontade, encontram na sua obra um estorvo serio. Nem todas podem dispor de cinco mil libras, e o salario do engenheiro ameaça minar o capital antes d'este ter minado o jazigo. Para obviar a este inconveniente as empresas podem associar-se como os individuos. Esta associação pôde ser de grande utilidade, não só para tomar um engenheiro, como também para levar a cabo grandes obras de uso commum, que excederiam ás forças de uma só empresa. Neste caso se acham os caminhos, as grandes galerias do desague, as machinas de esgoto, as officinas de preparação mechanica, etc.

Ha porém muitas empresas que, vendo-se n'estes embaraços, em vez de desatarem o nó, acham mais simples cortal-o. A verba do engenheiro é cortada por unanimidade. Querem achar thesouros nas trevas subterraneas, e começam por apagar a luz para poupar o azeite. Queixam-se então de torpeza e de carestia! Também se torpeça e carece com luz, mas o risco é maior ás escuras. Quanto ás grandes obras de utilidade commum, a maior difficuldade para as levar ao cabo consiste em chegar a um accordo na proporção dos fundos com que cada empresa deve concorrer. Muitas vezes esta difficuldade reside mais nos homens que nas coisas.

Não fallo das companhias sem vontade ou sem capital, e ás vezes sem ambos. A sua esterilidade é geralmente conhecida. Para estas empresas, o maior obstaculo são ellas mesmas, e o peor é que também o são para as outras.

Quaesquer que sejam os obstaculos que ainda hoje se oppõem ao desenvolvimento da industria mineira, é forçoso confessar que têm diminuido muito depois da invenção dos caminhos de ferro, de origem mineira, e em geral com os progressos industriaes que têm tornado facil o que ha menos de um seculo era realmente impossivel. Além das difficuldades naturaes, os nossos mineiros antigos encontravam deante de si estorvos artificiaes, talvez mais temiveis, porque vinham como amigos e eram contrarios. A mão que devia proteger esmagava. As leis, por exemplo, eram quasi uma barreira insuperavel para a industria das minas.

Os depositos mineraes pertenciam exclusivamente ao soberano. Quem os achasse devia declarar o descobrimento ao seu legitimo proprietario, e se os thesouros descobertos não tentassem bastante a cobiça do senhor, talvez a sua munificencia, movida pela impossibilidade de os aproveitar para si só, concedesse ao pobre descobridor, a titulo de mercê, a facultade de trabalhar, reservando o dono para si o fructo do trabalho. D'este modo, bem longe de promover o descobrimento das riquezas mineraes, somente se conseguia o seu encobrimento. Quem havia de buscar riquezas de que não esperava tirar proveito?

A propriedade das minas, ou antes, a autoridade para dispor d'ellas, que tinha passado do rei ao dono da superficie, pertence agora ao Estado, que assegura ao descobridor a utilidade

de sua descoberta, mediante certas condições admittiveis, e deixando ao governo a plena facultade de as tornar a inda menos onerosas. Este passo é immenso, posto que incompleto. A lei actual, bem que susceptivel de reformas importantes, está lá bem longe de ser um obstaculo serio para a industria mineira. Os maiores defeitos estão no regulamento. Um dos principaes é uma emissão, contraria ao espirito da lei, que deixa ao descobridor o monopólio indefinido da sua descoberta em prejuizo da comunidade. Outro vicio essencial é o modo por que o regulamento especial dos impostos considera o producto liquido.

Mas se as difficuldades da legislação, dos transportes e da lavra das minas em si mesma, têm decrescido muito n'estes ultimos tempos, ha outras pelo contrario que se têm tornado cada vez mais sensiveis, e que a facilidade dos transportes poderia attenuar, mas não remover completamente. As madeiras e combustiveis, cuja escassez é notoria, nunca podem ser sufficientemente baratas para as minas e fundições quando deym percorrer grandes distancias, embora por vias aperfeçoadas. Se exceptuamos o caso especial de uma ribeira fluctuavel, a proximidade das madeiras e combustiveis dos pontos de consumo é uma condição indispensavel; porém esta condição não se pôde realizar sem a cultura.

A arborisação do paiz é um grande problema de utilidade publica, e para o não tornar obscuro é preciso dividil-o em duas partes bem distinctas, que exigem soluções mui diferentes. As grandes matas de alto fuste, chegadas ao ultimo periodo de crescimento, devem, não só fornecer madeiras para a marinha e para as grandes construcções terrestres, mas também, quando estão distribuidas convenientemente e em grandes massas pelas montanhas e pelo litoral, impedir a invasão das areias do mar, conter as alluviaes torrencias que se despejam dos niveis elevados, oppor-se á violencia dos ventos, temperar o rigor das estações, augmentar a humidade, etc.

As immensas vantagens que resultam da benefica influencia que as arvores exercem sobre o clima bastam por si só para pagar com usura os gastos que a sua criação e conservação exigem. Porém esses beneficios são geraes, e d'elles reverte uma pequena parte ao proprietario particular. E' pois evidente que essas grandes florestas devem ser de propriedade nacional. Consideradas por outro lado de baixo do ponto de vista do seu producto directo em madeira está provado com evidencia que as arvores seculares rendem um juro diminuto do capital que representam, por causa dos interesses accumulados durante o tempo que é necessario esperar até ao seu perfeito desenvolvimento. Este sacrificio está muito longe de ser compensado pela maior quantidade ou pela qualidade de madeira produzida em tão longo periodo. Portanto, estes bosques não podem convir a um particular, cujo intuito é obter a maior renda possivel das suas propriedades.

A área occupada pelas nossas matas nacionaes é calculada pela administração em 18.855 hectares. Suppondo a superficie de Portugal nove milhões e meio de hectares, achamos a diminuta proporção de dois millesimos proximamente. Quando ás florestas dos municipios, das corporações e dos particulares, a sua extensão não se pôde pedir á agrimensura. Tudo o que se pôde dizer a esse respeito é que os viajantes em Portugal sentem uma grande alegria quando descobrem alguma arvore.

Se as matas nacionaes são insufficientes como extensão, esta falta é mais aggravada ainda pela distribuição. Só o pinhal de Leiria occupa mais de metade da área forestal do Estado (9.914 hectares), sem comprehender os outros bosques d'este districto privilegiado. Vê-se pois que não se pode contar muito com a influencia cosmica das matas nacionaes existentes, e que o seu augmento é uma necessidade publica. Deixar á iniciativa particular serviços que todos aproveitam e ninguém remunera, vale tanto como adial-os para as kalendas gregas. A criação de florestas particulares está sujeita a uma lei unica, o interesse particular. (Continúa.)

## Caminhos de ferro portuguezes.

Acaba de verificar-se a inspecção da praça do caminho de ferro de leste comprehendida entre Santarem e Abrantes. A commissão nomeada pelo governo com este fim era composta dos distinctos engenheiros os srs. José Victorino Damasio, Belchior Garcez, Margiochi, Canto, e Aguiar. Accidentalmente, e por se acharem no mesmo comboyo que conduzia a commissão a Santarem, se juntaram a ella, ss. ex.<sup>as</sup> os srs. Visconde de Sá da Bandeira e Visconde da Luz.

O comboyo, composto de duas locomotivas trabalhando a dupla tracção, d'um trem de 24 wagons carregados de carris, e da carroagem que conduzia a commissão e os engenheiros da empresa, percorreu o caminho, parando junto das obras mais importantes que o sr. fiscal quiz designar. Os membros da commissão fizeram a maior parte do caminho sobre as locomotivas e em toda a parte se mostraram completamente satisfeitos com o estado das obras, o bem acabado d'ellas e excellento estado da via.

O sr. Aguiar, que como fiscal da linha, melhor do que ninguem conhece o bem feito dos trabalhos, designou aos machinistas as obras em que deviam parar, e alli fez notar á commissão as suas boas condições de acabamento e solidez, explicando-lhe ao mesmo tempo as difficuldades vencidas e os grandes sacrificios feitos pela empresa para obter obras solidas e irreprehensiveis.

A obra que porém mais surpreendeu os membros da commissão, assim como a ss. ex.<sup>as</sup> os srs. Visconde de Sá e Visconde da Luz, foi a ponte do Tejo.

Esta obra monumental e de primeira ordem entre as grandes obras europeas, faz-se admirar não só como obra d'arte, na qual nada se poupou para a tornar de uma completa solidez, mas ainda como elegancia de formas e excellento collocação. Compõe-se ella de dois encontros com paramentos de tijolo, cordões e cadeias de cantaria de excellento calcario, e dezois vãos de ferro de 30<sup>m</sup>.00 de luz cada um, suportados por cylindros de ferro fundido. A altura total da obra entre as baixas aguas e os carris é de 17<sup>m</sup>.00, e com estas dimensões a proporção entre o diametro dos tubos e a altura das vigas de ferro é tal, que as condições de elegancia ficam perfeitamente satisfeitas.

Os cuidados tomados pelos engenheiros da empresa na construcção d'esta obra asseguram uma perfeita solidez.

Os encontros acham-se solidamente fundados, e os tubos que na parte cravada no leito do rio apresentam um diametro muito superior á parte aparente, foram descidos com a ajuda do ar comprimido, metade d'elles até um banco de rocha dura que se acha abaixo das areias do rio e n'ella foram encastrados, e a outra metade foram cravados atreves das areias e d'um banco de grosso cascalho fortemente agglomerado com saibros até profundidades que n'alguns vão a 20<sup>m</sup>.00 abaixo da estagem.

A observação das cheias do inverno do anno passado, época em que quasi todos os tubos da primeira via se achavam collocados, mostrou que as escavações em torno d'elles eram perfeitamente insignificantes, devido isto, á sua pequena secção relativamente á grande vazão da ponte.

E' pois certo que esta obra, a maior e a mais arrojada do nosso paiz, offerece todas as garantias de uma immensa solidez.

A commissão examinou em detalhe e cuidadosamente esta obra monumental, e mostrou-se completamente satisfeita d'ella. Os srs. Visconde de Sá e Visconde da Luz ficaram igualmente muito satisfeitos e se inteiraram com grande interesse de todos os seus detalhes technicos.

As provas a que a commissão procedeu deram resultados completamente satisfatorios, superiores mesmo ao que mathematicamente se podia esperar. As flechas foram rigorosamente medidas durante o tempo que durou a carga maxima de prova. Da mesma maneira o foram as oscillações produzidas pela passagem das duas locomotivas, pesando ambas cem toneladas, e unanimemente os membros da commissão declararam a obra excellente.

de todas as exaltações da gloria falla uma ideia sublime de consequencias civilisadoras ao espirito privilegiado, de quem só lida nestes intuitos generosos! Pouco nos importa por isso o desaire, que nos possa vir do nosso descuar da milicia; parece significar esta incuria o assenso do paiz ás ideias pacificas, que são a apothose de nações cultas.

Mas eu aquelles homens não fallei assim. Como elles no meio da sua prosapia bellicosa não faziam senão exhibir as gloriosas façanhas das Hespanhas, a questão era de valor nacional, era uma questão pratica de forças, e nesta parte, quando se pretendesse formar parallelo entre nós e Castella, observei-lhe, que era preciso pedir licença ás sombras do Mestre d'Aviz, e do Condestavel e de tantos outros, cuja memoria assiste á defensão da patria; e duvidei muito que esses taes acoites da soberba castelhana se achassem agora de tão bons humores, que lhes fizessem semelhante concessão; e que se acaso, como iam dizendo, queriam reduzir-se á actualidade—á tal façanhosa guerra de Marrocos, com que elles encham tanto a bocca, não significava senão duas cousas; primeiro, que os elementos de guerra marroquinos estavam muito distantes da perfeição dos hespanhoes; segundo, que todo esse feito d'armas não estava ali senão como um ignominioso documento da sua corajosa cobiça!

As caras dos meus dois antagonistas fizeram-se mais brancas principalmente, quando lhes provei que era um pouco subrepticio o caracter dos castelhanos! Eu exultei interiormente com este successo, ou, como diria o nosso orador parlamentar, *ri-me para dentro* do despeito, que elles reprimiam, e recolhi-me ao silencio. Foi generosidade da minha parte, porque bem podia aproveitar as auras, que me corriam tão prosperas, para ultimar a victoria!

Tinha pois cessado o alarido inconveniente, que iam fazendo (e que ainda hoje me faz passar, por ser entre pessoas, que a primeira vez se vian!), e por muito tempo só interrompia este silencio, que succede ás disputas, o ruido do carro, queproseguia sem obstaculo na sua marcha official.

Depois de algumas ou de muitas horas neste bom socego, quebrou-o um dos meus amigos para novas satisfações de curiosidade. Que qualidade d'edificio é aquelle? perguntava elle em dialecto indefinivel? e eu lancei fóra da portinhola a cabeça, e vi, que era já a Batalha! Sem o saberem, talvez, deram-me nova occasião a mais triumphos, se já não estivesse enfatiado (como, fallando te a verdade, agora estou de te narrar estas miudezas) de taes discussões. Assim mesmo animei-me outra vez, e fiz-lhe explicações tão pouco lisongeiras, que ainda hoje me dá vontade

de rir a cara de surpresa, com que me escutavam!

Recordar-lhes com aquelle monumento, que estavam vendo, a lição mais formidavel, que das armas de Portugal recebeu Castella, não podia por certo ser-lhe cousa muito delectavel; mas emfim eu não lhes tinha preparado aquella decepção, foi a curiosidade dellas, que o motivou.

Desapontados pois por esta forma, em ar de desforço mostraram-se ignorar a existencia d'aquelle monumento, dando aliaz a entender, acto seguido, que não lhe era extranho o seu estylo, ou que no rapido olhar, que lhe deitaram o poderão perceber, por que me mataram o bicho do ouvido com dissertações sobre os varios generos de architectura com um tal estrondo de palavras, que eu estava-os escutando, como quem é entendido em causa d'arte, perfeitamente atordoado! Aqui levaram ellesa melhor, que me pareceram pescar da póda; mas eu para não passar por cobarde, e por que todas as nossas questões se achavam influídas por um exaggerado sentimento de nacionalidade, exaltava com toda a minha inergia aquelle gigante padrão de gloria da arte nacional troca maravilhosa de Afonso Domingues, poeta dos marmores, que concebeu no seu ardente patriotismo o pensamento sublime de eternisar na pedra o seu nome com a mais rica tradição do nosso valor! A historia da celebrada abobada,

tambem me não esqueceu como muito favoravel aos meus intuitos!

O descontentamento já não o podiam occultar, e eu para exacerbar-lhe o despeito tornei no complemento da minha vingança, tornei-lhe a fallar da batalha de Aljubarrota, e desta vez foi da tia Brites e da sua pá.

A sublime bandeira castelhana  
Foi derribada aos pés da luzitana.

Completei os meus triumphos, as minhas victorias! Amuaram, e um até se encostou, porque ia descendo a noute, em acção de dormir; se dormiu, ou não, não sei, por que eu de certo é que dormi a bem levar!

Acordei, e estavam nas Caldas! Foi um prodigio de somnolencia, porque na mala-posta, o que mais se consegue, é passar pelo somno e ir toscanjando toda a noite.

Tiritando com frio, cousa não menos extraordinaria em julho, saltei em terra, e encaminei-me para a casa de pasto com minha curiosidade de pastar. Dentro em pouco estava em exercicio das minhas funções gastronomicas, que desempenhava com pericia e dignidade. Concluidas estas continuavamos a viagem, que a companhia dos hespanhoes tornava bastante incommoda.

Z. L.

(Continúa.)

Não é porém simplesmente a ponte do Tejo que deve causar admiração nesta porção da linha ferrea. Seguindo ella constantemente o valle do Tejo entre Santarem e Abrantes, e cortando assim todos os valles secundarios deste grande rio, as difficuldades se multiplicam a cada passo.

Em primeiro lugar apparecem entre Santarem e a Barquinha todos os grandes valles secundarios inundados pelas aguas do Tejo, que foram atravessados com grandes atterros e grandes obras d'arte. A natureza do fundo d'estes valles invariavelmente formado por depositos vascosos, ou turbosos de grande espessura, tornaram a fundação de todas as obras immensamente difficil e dispendiosa. A' força porém de esforços inauditos lá existim todas solidamente construidas, desafiando o Tejo e o tempo.

Entre a Barquinha e a ponte do Tejo o caminho segue constantemente a encosta de um monte de inclinação rapida cortada a cada instante por profundas ravinas. E' e talvez o lanço de caminho de ferro mais pitoresco da Europa.

As difficuldades, porém, foram incalculaveis. Longos e fortes muros de supporte, atravessados por innumeraveis aqueductos sustentam o caminho constantemente sobranceiro ao Tejo e a uma grande altura acima das suas aguas. A estes muros precedem e seguem profundas trincheiras abertas no granito que compõe o monte, apresentando taludes perfeitamente lisos e regulares.

Apesar, porém, de tantas difficuldades que com tanta persistencia se acham vencidas, é este traçado não só melhor enquanto ás condições technicas, mas tambem o mais barato. Outro qualquer que sahisse das margens do Tejo, exigiria tonneis, trincheiras e pontes de taes dimensões que o seu preço seria muito superior ao do adoptado.

Entre a ponte do Tejo e Abrantes, as grandes obras succedem-se a cada passo. Além de duas pontes de 60<sup>m</sup>,00, uma de 36<sup>m</sup>,00, uma de 30<sup>m</sup>,00 e outra de 20<sup>m</sup>,00, não fallando no grande numero de pontões, apparecem longos e altos muros de revestimento. Todas estas obras se podem apresentar como typos de boa construção.

Para se fazer uma idea da importancia das obras do caminho de ferro entre Santarem e Abrantes (distancia de 61 kilometros) bastará dizer que só na classe de pontes de ferro existem 22 vãos de ferro 30<sup>m</sup>,00 cada um; 2 de 24<sup>m</sup>,00; 2 de 20<sup>m</sup>,00; 7 de 10<sup>m</sup>,00; 2 de 6<sup>m</sup>,00 e finalmente, um grande numero de 2<sup>m</sup>,50. Entre as obras de alvenaria existe um elevado numero de pontões de 5 e 6<sup>m</sup>,00, a colossal ponte de Tancos construida n'uma ravina profunda, tendo a largura necessaria para o caminho de ferro e estrada publica, e uma extensão immensa de muros de supporte. Se accrescentarmos a estas obras a serie constante de longos e altos atterros e trincheiras profundas, muitas d'ellas abertas em rochas duras ficaremos convencidos de que se tem feito neste caminho esforços e sacrificios que pareciam impraticaveis ha poucos annos.

Honra seja feita aos governos que fomentaram e realisaram a idea dos caminhos de ferro em Portugal. Honra seja feita ao capitalista que concebeu e deu tamanho impulso a esta difficil empreza. Honra seja feita aos cidadãos que em Lisboa tem coaljuvado a empreza; aos membros do conselho de obras publicas e ao pessoal das linhas de leste e norte, que arrostando as maiores difficuldades, levaram a effeito tão ardua tarefa.

O parecer da commissão será completamente favoravel, e no dia 5 de novembro a secção entre Santarem e Abrantes será aberta á circulação publica.

A locomotiva na actualidade já chega além da estação da Ponte do Soure, em dezembro chegará a Portalegre, e em abril do anno proximo futuro transportará em 8 horas os passageiros de Lisboa a Badajoz.

Na linha do norte, os trabalhos acham-se igualmente adiantados. No mez proximo abrir-se-ha a secção entre o Porto e Estarreja, uma extensão de 48 kilometros. Entre este ponto e Coimbra encontraram-se as trez importantes obras das pontes de Esqueira, Vouga e Mondego, das quaes duas se acham quasi acabadas e a terceira em bom andamento. E' pois de toda a probabilidade que em março a locomotiva transporte os passageiros do Porto a Coimbra.

No resto da linha encontram-se obras em que existem as maiores difficuldades. Dos dois tonneis, porém, que mais podiam retardar o acabamento do caminho, um tem aberta a galeria e grande parte da abobada está feita, e no outro em que ha pouco as difficuldades pareciam insuperaveis, acham-se os trabalhos de tal modo montados, que é de esperar que a abertura de toda a linha tenha lugar durante o proximo anno.

(«Jornal do Commercio», de Lisboa.)

## PARTE OFFICIAL

### Ministerio dos negocios do reino

Direcção geral de administração politica

#### 1.<sup>a</sup> Repartição.

Sendo chegada a epocha fixada pela carta de lei de 16 de julho de 1857 para se effectuar a sessão real de abertura das côrtes geraes ordinarias da nação portugueza, e occorrendo circunstancias que me impedem de assistir a esta solemnidade: hei por bem declarar e ordenar o seguinte:

Artigo 1.<sup>o</sup> A sessão real para o acto de abertura da sessão ordinaria das côrtes geraes da nação portugueza, no anno legislativo de 1862-1863, terá lugar a 4 de novembro proximo futuro, pela uma hora da tarde, no palacio das côrtes, reunidas ambas as camaras legislativas na sala das sessões dos senhores deputados, sob a direcção do presidente da camara hereditaria.

Art. 2.<sup>o</sup> São por este decreto convocados os dignos pares do reino e os senhores deputados da nação portugueza para assistirem á missa solemne do Espirito Santo, que ha de celebrarse no mesmo dia de abertura das côrtes, ás dez horas da manhã, na sé patriarcal, actualmente collocada no templo do extincto convento de S. Vicente de Fóra; e bem assim para, em seguida, se reunirem, pela uma hora da tarde, no palacio das côrtes.

Art. 3.<sup>o</sup> Os ministros e secretarios d'estado das diversas repartições receberão commissão especial para, em meu nome, assistirem á sessão real, e declararem aberta a sessão ordinaria das côrtes geraes no anno legislativo de 1862-1863.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço da Ajuda, em 30 de outubro de 1862. — REI. — Anselmo José Braamcamp.

#### 2.<sup>a</sup> Repartição.

Tomando em consideração os reconhecidos merecimentos do marechal de campo, visconde de Rilvas, Simão de Calça e Pina, os longos e distinctos serviços por elle feitos ao paiz na carreira das armas, e especialmente os que tem prestado no exercicio do honroso cargo de ajudante de campo de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II, meu muito amado e prezado pae; e querendo dar ao mencionado visconde um publico testemunho da minha real municipalidade pela presente occasião do meu feliz consorcio: hei por bem fazer-lhe mercê de o elevar á grandeza d'estes reinos com o titulo de conde de Rilvas, em sua vida.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 30 de setembro de 1862 — REI — Anselmo José Braamcamp.

Francisco Xavier Ferreira, do meu conselho, marechal de campo, commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz, amigo. — Eu El-Rei vos envio muito saudar. Attendendo aos vossos longos e distinctos serviços feitos na carreira das armas, e com especialidade aos que ultimamente haveis pre-tado ao paiz; e querendo conferir-vos um publico testemunho da minha real consideração: hei por bem elevar-vos á dignidade de gran-cruz da ordem militar de S. Bento de Aviz.

O que me pareceu participar-vos para vossa intelligencia e satisfação; e, para que possaes desde já usar das respectivas insignias, vos mando esta carta.

Escrita no paço, em 23 de setembro de 1862. — EL-REI. — Anselmo José Braamcamp. — Para Francisco Xavier Ferreira, do meu conselho, marechal de campo, commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz.

### Ministerio dos negocios ecclesiasticos e dejustiça

Direcção geral dos negocios ecclesiasticos

#### 1.<sup>a</sup> Repartição

(Despachos que tiveram lugar por decreto de 27 do corrente mez)

O presbytero Antonio da Estrella Figueiredo, parochio collado na igreja de S. Simão da Serra, na diocese de Portalegre — apresentado, precedendo concurso documental, na igreja parochial de S. Mathias, no concelho de Niza, na mesma diocese.

O presbytero Antonio Gonçalves Barata — apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Nossa Senhora da Consolação, de Pero Vizeu, na diocese da Guarda.

O presbytero Bernardo Augusto Abranches Pinto e Sousa — apresentado, precedendo concurso documental, na igreja parochial de S. Julião, de S. Gião, na diocese de Coimbra.

Direcção geral dos negocios ecclesiasticos, em 30 de outubro de 1862. — José Julio de Oliveira Pinto, director geral.

## CHRONICA DISTRICTAL

O dia 23 do corrente será para os habitantes d'Aguada e suas circumvizinhanças cheio das mais gratas recordações.

Na manhã daquelle dia na estação da malaposta acharam-se centenares de individuos esperando o principe Humberto, que ali chegou ás 7 horas; e por entre as maiores demonstrações de alegria acompanhado dos srs. visconde da Borralha, seus filhos, governador civil, secretario geral, administrador do concelho, camara municipal, e auctoridades judicias se dirigira ao palacio do mesmo sr. visconde, onde se lhe havia preparado o almoço; e depois de receber as felicitações das diversas auctoridades passou com a sua comitiva, alguns convidados, e familia do sr. visconde á sala da mesa, correspondendo o illustre personagem durante a refeição, e na despedida, com a maior urbanidade e delicadeza; demorando-se duas horas menos um quarto, e partindo d'ali com direcção ao Porto, debaixo das mais vivas demonstrações de jubilo e enthusiasmo.

Abstendo-nos de descrever miudamente os

meios empregados, tanto da parte do sr. visconde, como das auctoridades, para festejar o illustre principe, damos ao publico um opusculo, que na madrugada do dia 23 fôra encontrado n'uma das columnas das portas do pateo do palacio do sr. visconde, que apenas pode ser apreciado pelos amantes da lingua romana; mas que resume com exactidão as circunstancias mais notaveis do festejo.

«Diei vigesimi tertii octobris has literas memorie prodidit.»

«Hoc tectum excelsum ingens mos est nostros accipere reges: a clara dupla progenie Giraldes ac Cid parentum decet, in Eminii ripis meridie situm, augustum Regibus hic manere templum Nunc Humbertus nostrae Regine Piae frater ab Etruria ad Lysiam profectus, inclytam hanc sedem ipse noscere voluit. Hic parietes et fornices, rosis peristromate vestitas; hic pergulae et fenestras veallis collucentes; hic viae odoramentis ac flore flagrantis; hic metalla ad aethera sonantia; hic continue voces hujus Agathensis populi affectum cordis praeclarum ad illum Principem vere pronuntiant.»

Agathensis.»

## EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem transcrevemos os seguintes telegrammas:

Athenas 26. — A revolução instaurada pelas tropas fraternisava com o povo.

Formou-se um governo provisorio dos srs. Bulgavis presidente, Canavis e Koulos.

O ministerio que se formou compõe-se dos srs. Zalunis, Daligeorgis, Diamantopoulos, Californes e Nicopoulo.

O governo provisorio proclamou a destituição do rei e da sua dynastia.

Treste 26. — Diz-se que o rei Othon abdicou a corôa em favor de seu irmão, e que Mourcordato foi nomeado presidente do governo provisorio.

Londres 26. — Circulou hontem a noticia de que alguns navios de guerra federaes tinham bloqueado as ilhas Bermudas, porém ninguém dá credito á noticia porque foi desmentida formalmente.

Pariz 26. — Desmente-se a noticia da modificação ministerial na Italia.

Garibaldi segue melhoras, e espera-se com impaciencia o resultado da operação.

O celebre cirurgião francez deve ter saído para Spezia para operar a Garibaldi.

Londres 27 (á noite). — O «Morning Post», cre achar em seguida á revolução de Athenas a acção de influencias estrangeiras, e diz mais que a Inglaterra tem um grande interesse em manter a integridade do territorio helenco.

Pariz 27 (á noite). — Diz «La France», que em Athenas se propõe para o throno da Grecia o principe Louthctemberg.

Assegura-se que em breve se enviará ao Pireo uma esquadra franceza.

Pariz 28. — Acabou-se de dar as ordens opportunas para que a esquadra do Mediterraneo saia na mesma tarde de hoje com direcção á Grecia.

Trieste 27 (á noite). — Em Athenas seria a mais perfeita tranquillidade.

De um momento para o outro deve chegar a Veneza o rei Othon da Grecia.

Em Corfu reina grande agitação.

Toulon 28. — A esquadra franceza saiu para a Grecia.

Turin 27 (á noite). — O parlamento foi convocado para o dia 18 de Novembro.

Corfu 27. — O rei e rainha da Grecia chegaram aqui saindo immediatamente para Veneza.

Pariz 27. — Mr. de Bismark, presidente do conselho de ministros de Berlin, chegou hoje pela manhã, para apresentar a sua magestade imperial as suas cartas de despedida. E amanhã ás 3 horas da tarde será recebido no palacio de Saint-Cloud, em audiencia solemne.

Vienna 27. — Ao mesmo tempo que se promulgou a nova lei da imprensa, se publicará um decreto de amnistia geral para os delictos de imprensa.

Trieste 27. — As povoações da Grecia armadas para a insurreição tem fraternisado em todas as partes com o exercito.

O rei Othon, está refugiado a bordo do vapor «Amelia», não tomou ainda a direcção de Marselha; segue á vista da terra.

## NOTICIARIO

o que faz o beaterio! — Depois que aqui estiveram os padres missionarios, ficou uma semente de beatas que se entretem piedosamente em ouvir missas, e em confessar-se a miudo, no que não fariam mal algum, nem ás suas almas nem ao proximo, se algumas d'ellas não misturassem com essas, outras acções menos edificantes, e não revelassem na exaggeração dos seus ademaies beatos uma hypocrisia que dá bastante que fallar ás más linguas das visinbas... Adiante!

Um destes dias uma dessas santinhas foi, segundo nos affirmam, a um templo d'esta cidade, confessou-se, ouviu missa e commungou com edificante compunção. A' sahida do recinto sagrado alguma vista menos devota, ou algum pensamento mais mundano sujou a limpeza d'aquella alma, e, em boa consciencia, entendeu ella que devia novamente ir purificar-se aos pés do confessor.

Entrou, pois, em outro templo que ali ficava á mão, e achando o confessorario desocupado, contou as suas novas culpas ao confessor paciente, e recebeu a necessaria absolvição para tranquillidade do seu espirito irrequieto. Mas em quanto resava a penitencia, eis que se lhe outro sacerdote ao altar; ella achegou-se logo, para assistir ao santo sacrificio da missa, e com a maior devoção esteve até que se aproximou a communhão.

Havia, porem, mais devotas para commungar, e o sacristão quando foi tempo apromptou a toalha e fez-lhes signal para se achegarem á sagrada meza. A beata então não pôde conter-se que ficasse expectadora, e por uma luminosa ideia, aproximou-se tambem e tomou lugar no commungatorio.

Já ouvimos que o sacerdote que a confessara primeiro e que por acaso ali chegara, traças armara que conseguira, sem escandalo, que ella não commungasse pela segunda vez, mas ha quem affirme que effectivamente commungou, e que quando o sacerdote chegara já não fôra a tempo de impedir aquelle... excesso de devoção.

O que é certo é que a beata sahii da igreja toda nervosa e envergonhada da acção que praticara por ignorancia ou impostura, e deixando o seu director espirital aturdido por tanta devoção e pensando como resolver o novo caso de consciencia que elle via já apparecer no horizonte da proxima confissão.

Isto que por ali se conta com dactas e nomes proprios, entendemos nós que o deviamos referir sob a capa do anonimo, para evitar maior escandalo, tomando porem d'aqui motivo para advertir uma das consequencias do fanatismo, (e esta ainda não é das piores) que por ali se trata de infiltrar no animo inculto do povo.

Suspeita. — Na sexta feira falleceu o filho d'um lavrador ali das bandas de Sá, quasi repentinamente, e com symptomas que causaram suspeitas de que houvesse causa estranha que influísse para aquelle acontecimento.

Alguem previniu d'isso a auctoridade que effectivamente mandou proceder no cadaver a uma autopsia rigorosa.

Não se encontrou o menor vestigio que a morte fosse extraordinariamente produzida, antes se averiguou com toda a clareza que o motivo d'ella fôra uma violenta sessão das que o vulgo chama perniciosas.

Ficou assim calada a suspeita dos visinhos, que já começavam a boquejar em algumas pessoas, cujo credito sem a autopsia teria sido maculada pelo atroz suspeita de haverem concorrido para um assassinato.

Chegada. — No sabbado pela 1 hora da tarde chegou a esta cidade, vindo da Figueira o exm.<sup>o</sup> sr. visconde de Santo Antonio, tenente general da 2.<sup>a</sup> divisão militar.

Consta-nos que a demora de s. ex.<sup>a</sup> nesta cidade é de poucos dias. S. ex.<sup>a</sup> tem sido cumprimentado por todas as pessoas illustres.

Grande gala. — Foi ainda de gala o dia 31 de outubro por ser o anniversario natalicio de S. M. El-Rei o senhor D. Luiz I. Nesta cidade houveram as habituaes demonstrações de regosioj publico.

Archivo Pittoresco. — Os ultimos numeros publicados deste interessantissimo jornal contém primorosas gravuras representando os principaes monumentos levantados para commemorar o consorcio de SS. MM. FF.

Além de muitos e diversos artigos e gravuras de assumptos nacionaes e estrangeiros trazem mais as seguintes:

Vista do pavilhão real, e panorama da Praça do Commercio.

Arco do Commercio, no Largo do Corpo Santo.

Columna da Praça de D. Pedro, vista de noite.

No seguinte numero sahirá a estampa da corveta «Bartholomeu Dias», e mais embarcações que acompanharam a S. M. a Rainha.

Revista Contemporanea. — O n.<sup>o</sup> 5 d'este bem descripto e interessante periodico mensal acaba de publicar-se com os seguintes artigos:

Passos Manuel, biographia e retrato, por R. da Silva.

Os Fastos d'Ovidio (de Castilho), bibliographia por Silveira da Motta.

O filho do guarda joias, romance por A. Palmeirim.

D. Jayme, estudo critico por Reynaldo Carlos.

Chronica, por Ernesto Biester.

Novo titulo. — O sr. Joaquim José de Figueiredo, vice-presidente da camara municipal do Porto, e membro da deputação que foi a Lisboa apresentar a El-Rei a felicitação por motivo do seu auspicioso consorcio, foi agraciado com o titulo de barão de Figueiredo. E' um novo testemunho de consideração á cidade do Porto, na pessoa de um dos representantes d'aquelle municipio.

Imperador do Brazil. — Lê-se no «Jornal do Havre.»

Annuncia-se, que o imperador do Brazil deve vir fazer uma viagem á Europa no mez de fevereiro.

Passará alguns dias em Lisboa e visitará depois a Inglaterra, a França e a Italia.

Quadro de costumes. — O talentoso pintor portuense, o sr. Francisco José Rezende, lente substituto de pintura na Academia de Bellas Artes, pintou um quadro de costumes, com o proposito de o offerecer a S. A. R. o principe Humberto na occasião da sua visita a esta cidade, porém só hontem o pôde concluir.

Este quadro está em exposição na loja do sr. Sala, na rua de Santo Antonio.

A figura principal é uma lavradeira da Magdalena, no concelho de Gaya, com os seus trages de dia festivo.

Como accessorios do quadro tem ao fundo a Serra do Pilar, e um vareiro conversando com uma vareira.

**Governador civil.** — Diz o «Jornal do Porto» que foi despachado governador civil deste districto o sr. Antonio Theodoro Tabora.

### Balanço do movimento da Caixa economica de Aveiro no mez de novembro de 1862.

ENTRADAS	
Depositos recebidos	131\$850
Letras idem	1:905\$560
Juros idem	94\$380
Saldo do mez antecedente	2:592\$350
	<hr/>
	3:724\$140
SAHIDAS	
Empréstimos	1:006\$810
Depositos restituídos	1:200\$000
Saldo que passa ao mez seguinte	2:517\$330
	<hr/>
	4:724\$140
Valor dos depositos existentes etc.	18:726\$545
Idem em letras	16:197\$240

Escriptorio da caixa economica 2 de novembro de 1862.

A. PINHEIRO  
Secretario.

**Promoção da alfandega de Lisboa.** — Consta que na promoção, cujos decretos El-Rei assignou no dia 28, foi promovido a verificador d' aquella casa fiscal o sr. Nazareth, que, não obstante a sua graduação em escriptorio da meza grande, estava no lugar de porteiro. Ha muita probabilidade de que seja nomeado director da alfandega de Lisboa; sendo indigitado o sr. Henriques Ferreira para o substituir no consulado do Rio de Janeiro.

**Concurso.** — Pela repartição da fazenda do districto do Porto acha-se aberto concurso por espaço de 20 dias para o provimento dos lugares de escriptorio de fazenda dos concelhos de Louzada e Vallongo.

**Principe Humberto.** — Regressou na terça-feira de manhã a Lisboa S. A. R. o principe Humberto, que foi recebido com as honras condignas de sua augusta pessoa, na estação do caminho de ferro.

Sua alteza foi transportado ao paço e mais a sua comitiva em trens da casa real.

**Offerta em beneficio publico.** — Da «Voz do Alemtejo.» — Em seguida publicamos uma receita para seções, que nos foi offerecida para publicarmos pelo exm.º sr. Marquez de Penally, e agradecemos ao mesmo exm.º sr. a sua delicada offerta, pois nos consta que este remedio tem produzido os melhores effectos, e tem aproveitado a muitas das pessoas que o tem sollicitado do exm.º sr. Marquez.

Eis a receita:

Remedio do dr. Vilela para as seções.

Antimonio tartarizado. . . . . Um escrop.

Dissolva-se em pequena quantidade d'agua distillada, misturando-se com uma onça de unto de porco, e divida-se em 24 papeis.

Modo de usar o remedio.

No dia em que se espera seção, apenas se começa a sentir alguma pequena indisposição, ou cousa de uma hora antes da em que costuma vir, pega-se em dois papeis, devendo ter alli um braço para se aquecerem as mãos um pouco untadas do remedio, para fazer a fomentação aos braços desde o pulso até ao sangradouro; e cubram-se depois bem os braços. No outro dia de seção tambem, pouco antes da hora, se faz tudo da mesma sorte do estomago até ao baixo ventre. No outro dia de seção tambem, pouco antes da hora, se faz tudo da mesma sorte do estomago até ao baixo ventre. No outro tudo o mesmo, das coxas até ás verilhas. No ultimo das curvas até ás barrigas das pernas.

Se assim mesmo não passarem, repita-se tudo do principio.

**As prendas dos romanos á rainha.** — Do «Commercio do Porto» transcrevemos a noticia das prendas offerecidas pelos romanos a S. M. a senhora Rainha D. Maria de Saboya, e que é do teor seguinte:

«Em uma correspondencia de Roma, dirigida com data de 30 de setembro ultimo ao «Correio Mercantil» de Genova, faz-se a seguinte descripção dos presentes que os romanos fizeram á senhora D. Maria Pia de Saboya:

«Na noite de sabbado, dia do matrimonio da princeza Maria Pia, viram-se accesos fogos de Bengala em toda Roma, e uma chuva de inscrições, impressas sobre papel tricolor, teve lugar no theatro Argentino, no meio de muitas palmas, e vivas a Victor Manoel.

«Partiu para Turin o presente que os romanos fizeram por subscrição publica á augusta filha do nosso Rei, e que é digno de Roma. Este presente é uma obra prima de oirivesaria, sahida da officina dos srs. Castellani, cujos trabalhos são estimados em toda a Europa, e é notavel não só pelo lado da arte e do bom gosto, mas tambem pelo da ciencia e da erudição. Consiste em

uma elegante cista nupcial, imitada exactamente das antigas da mais bella época imperial, e contendo em 45 soberbas joias de ouro todos os ornamentos de uma dama romana. A cista é de velludo côr de púrpura, com fechos e filetes de prata, e na base da qual se lê a inscrição: «Os romanos a Maria Pia de Saboya no dia de suas nupcias.» Julgo que a obra merece mais alguns esclarecimentos.

«Chamava-se cista uma caixa de diversos feitios, feita para guardar pequenos objectos de uso, seja para a toilette, seja para o banho. Havia tambem as cistas misticas para as memorias sacras que se levavam em procissão nas festas Dionisicas.

«A cista nupcial romana continha tudo o que formava o mundus mulieris, isto é, os ornatos de ouro de uma dama elegante; sobre esta é modelada a executada pelos srs. Castellani, e contém:

«1.º A bulla aurea, distinctivo da nobreza romana. Era esta usada pelos jovens patricios até sahirem da puberdade, e depositaram-na aos pés dos lares quando tomavam a pretexto; as damas, contudo, ornavam-se com ella desde os primeiros tempos etruscos, como se observa nos monumentos de bronze e barro.

«2.º A fibula nupcial, formada por uma adarga segurando a cópia em ouro do nó especial que fechava a facha de lã, que apertava as vestes da nova esposa, quando ia ao templo de Venus a cumprir o rito sacro: aquelle nó, devendo reputar-se securissimo, chamava-se pelos antigos: Nodus Herculeus.

«3.º A fibula curva, que servia a segurar o manto, e reunido em pregas descendo das costas a cobrir a tunica.

«4.º As fivellas ligeiras e de varias formas que se punham nas mangas da tunica, nos veus, ou a segurar o manto para não arrastar.

«5.º O elegantissimo collar italo-grego, formado por uma fileira de pequenas amphoras, que involuntariamente lembram o vaso de Pandora.

«6.º Os botões que guarneciam a tunica; pequenos sobre as costas, grandes nas mangas.

«7.º Os brincos de gala compridos, e os de todos os dias de ouro simples e de ouro com pedras.

«8.º Os alfinetes dos cabellos do feitio dos thyrsos, dois dos quaes grandes, com cabeças de arietes, arranjados para a festa do sacrificio, copiados de um que se acha na magnifica collecção dos oiros do museu Campana. Os outros pequenos serviam a segurar o cabelo, e eram o segredo dos bellos penteados usados naquelles tempos.

«9.º A coroa rosea com ramos de oliveira, propria de uma joven esposa, e que juntamente com o pente tradicional romano de marfim e ouro, lhe guarneciam a cabeça.

«10.º A armilla formada de uma zona continua de canudos e cabeças de leões, que no circulo symbolisa a eternidade, e nos leões a força do sacro nó matrimonial.

«11.º Outra armilla formada de medalhas de prata da época consular romana; o tempo que lembra esta armilla é aquelle em que mais brilhou a antiguidade e a santidade da vida conjugal.

«12.º Os sete anneis semanaes eguaes, e tendo só uma differente inscripção em volta, onde cada um tem o nome da divindade á qual era dedicado o dia. As damas mudavam estes anneis todos os dias, formando assim com elles um calendario perpetuo.

«13.º Finalmente, contém a cista oito anneis differentes, entre os quaes se acha o sello figurado romano e o escarabéo etrusco, a serpente grega, o helice elegante, a legenda italica de Sabelli, e trez pedras de côres, que representam as trez virtudes principaes, como tambem as trez côres de Italia.

«Este é o presente que Roma envia á filha do rei galantuomo; possa ella ser feliz quanto lhe desejam os romanos, e quanta é a affeição e o nosso reconhecimento para com o seu glorioso paço.»

**Alguns amigos de José Estevão resolveram mandar rezar na Igreja da Misericordia amanhã, quinta-feira, pelas 9 horas da manhã, uma missa de requiem por alma d'aquelle illustre filho d'Aveiro.**

### ALCANCE

TELEGRAPHIA ELECTRICA

Madrid 31, ao meio dia.

Turin 30.—Nelaton compromette-se a extrair a balla do pé de Garibaldi, e responde-lhe pela cura.

Mexico 2.—A proclamação que em nome do imperador dos francezes publicou o general Forey, declara que os mexicanos ficarão completamente livres na escolha do governo.

Vienna 30.—A esquadra austriaca partiu para o porto Pireo.

### CORREIO

LISBOA 2 DE NOVEMBRO

(Do nosso correspondente.)

A ordem do dia é a nomeação do sr. duque de Saldanha para nosso embaixador na corte de Roma. Aquelle patriotismo do velho general que se havia acordado com os actos perigosos de um governo inepto e mau, vai de novo adormecer longe da patria, e s. ex.ª aceita do mesmo gover-

no o dinheiro que vai regenerar o seu estado financeiro.

Está explicada clarissimamente a revolta de Braga, e o phenomeno da aparição de s. ex.ª na camara dos pares, e os foguetes deitados pelos Agapitos. O governo que é pessimo para o paiz, é magnifico quando despeja os cofres do thesouro nas algibeiras do sr. duque de Saldanha.

O nobre marechal recebe vinte mil libras para suas extraordinarias despesas. São noventa contos de réis, cincoenta que se lhe dão em Lisboa, e quarenta logo que chegar a Roma. Vencerá por anno quatorze contos de réis, e não sei se accumulará esta quantia com os seus vencimentos de marechal do exercito.

O sr. duque de Loulé, diz que o marechal vai servir de intermediario para se fazerem as pazes entre Victor Manoel e o Papa, mas toda a gente vê que foi caso de medo. Custa cara ao paiz a tranquillidade do sr. presidente do conselho de ministros.

A sr.ª marquez de Ficalho, segundo me afixam não tinha ainda beijado a mão á nossa Rainha, por que os escrupulos religiosos affastavam a illustre fidalga da filha do Rei excommungado, mas agora depois da nomeação do sr. duque de Saldanha resolveu-se a ir beijar a mão á filha de Victor Manoel. Terá isto tudo uma significação lazarista?

O marechal recebeu antes de hontem as honras de parente de El-Rei.

Os subrinhos de s. ex.ª ficam ás ordens do sr. conde de Santa Maria.

Falla-se agora em addiamento das côrtes, mas nada ha de positivo a tal respeito, nem os proprios ministros o sabem.

—Foi hontem sagrado o bispo de Vizeu. Celebraram-se as ceremonias com toda a pompa no templo de S. Vicente.

—A's 6 horas da tarde de hoje verifica-se na grande sala do risco do Arsenal de Marinha o sumptuoso jantar que a officialidade da nossa armada dá aos officiaes italianos dos navios que acompanharam a esquadrilla portugueza. Assistente o sr. Mendes Leal. A sala está esplendida adornada pelos srs. Rambois e Cinatti. Veem-se ali trophens, corôas, bandeiras portuguezas e italianas, e sobre cada prato uma roda de papel, setim, com uma cercadura azul e branca formada de emblemas nauticos. O centro formado das tres côres da bandeira italiana, tem a lista dos pratos e dos vinhos que se hão de servir.

—Antes de hontem, anniversario natalicio de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz houve recepção no paço d'Ajuda. A' noite SS. MM. e AA. honraram o theatro normal com a sua presença. A cidade illuminou-se como nas noites festivas do Regio consorcio.

—O sr. D. Luiz dirigiu a sua augusta esposa a seguinte carta:

«Muito alta e muito excellente princeza a Senhora D. Maria Pia de Saboya, Rainha de Portugal, minha muito amada e querida esposa. Eu D. Luiz Rei de Portugal e dos Algarves, envio muito saudar a Vossa Magestade como aquella que sobre todas amo e prezo.

Tendo Vossa Magestade manifestado desejo de tomar sob sua alta protecção os asylos de infancia desvalida, e considerando eu que a illustrada e maternal sollicitude de Vossa Magestade concorrerá muito para o progressivo melhoramento destes institutos de caridade; houve por bem por estes respetos, e annuindo ás piedosas intenções de Vossa Magestade declaral-a protectora dos asylos de infancia desvalida por decreto desta data.

Muito alta e muito Excellente Princeza e Senhora Dona Maria Pia de Saboya Rainha de Portugal, minha muito amada, prezada e querida esposa, Nosso Senhor haja a augusta pessoa de Vossa Magestade em sua santa e digna guarda.

Escrepta no paço da Ajuda em 27 de Outubro de 1862 — De Vossa Magestade, carinhoso esposo Luiz — Anselmo José Braamcamp.»

—El-Rei o senhor D. Luiz no dia do seu anniversario mandou dar 200\$000 réis para auxiliar o rancho da marinhagem dos navios de guerra portuguezes surtos no Tejo, e 300\$000 réis para os ranchos da tropa da guarnição de Lisboa.

—Diz-se que o sr. marquez de Niza, vai levantar um monumento no largo em frente do mosteiro dos Geronymos, em Belém, á memoria gloriosa de seu avô, D. Vasco da Gama.

—Effectuou-se antes de hontem na escola polytechnica a solemne distribuição dos premios aos alumnos do mesmo estabelecimento que se distinguiram no anno lectivo findo.

A sala amphitheatro estava cheia de espectadores. El-Rei foi recebido á porta por todo o corpo cathedratico, vestido com as suas novas fardas. Logo que S. M. tomou assento sob o doce, o lente sr. João de Andrade Corvo leu um brilhante discurso compendiando os serviços que a escola tem prestado ao paiz, e apontando os importantes melhoramentos que o mesmo estabelecimento tem constantemente recebido desde a sua creação, e quaos os de que ainda necessita para bem da instrucção superior.

El Rei dignou-se dirigir as mais affectuosas palavras ao corpo cathedratico, e aos alumnos fazendo sentir como neste seculo a sciencia não pode deixar de acompanhar a administração publica.

Finda a distribuição dos premios El-Rei visitou as salas e laboratorios do estabelecimento.

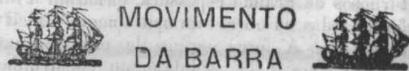
—Como disse na outra correspondencia tracta-se no Rio de Janeiro de fazer ao poema do sr. Thomaz Ribeiro uma contra-facção de dez mil exemplares.

Para o sr. José Feliciano de Castilho remet-

teu-se agora uma procuração para s. ex.ª ali annunciar a segunda edição do mesmo poema mais correcta e augmentada, e com os retratos do auctor, e do sr. Antonio Feliciano de Castilho. Talvez que desta maneira os contra-factores não queiram ir por diante no seu plano.

O sr. Thomaz Ribeiro vendeu aos editores Melchisede & Companhia a segunda edição do seu poema por um conto de réis.

—O circo Price vai ser armado em theatro-circo para ali nos offerecerem grandes pautiminas de cavallaria.



Entradas

PORTO—Rasca port. «Victoria», m. L. da Silva, 11 pes. de trip., vazio.
IDEM—Rasca port. «Correio d'Aveiro», m. J. Simões, 9 pes. de trip., vazio.
IDEM—Rasca port. «Flor d'Aveiro», m. A. J. Diniz, 6 pes. de trip., vazio.
IDEM—Hiate port. «Razoilo 1.º», m. J. Razoilo, 8 pes. de trip., lastro.
IDEM—Hiate port. «União», m. M. S. Chuya, 9 pes. de trip., lastro.
IDEM—Hiate port. «Cruz 2.º», m. J. da Rocha, 8 pes. de trip., vazio.
IDEM—Hiate port. «Cruz 4.º», m. M. Vicente, 9 pes. de trip., pedra e ferro.
IDEM—Hiate port. «Conceição Feliz», m. F. d'Oliveira, 5 pes. de trip., figo e pedra.

### ANNUNCIOS

João Antonio de Sousa, tendo sido nomeado presidente do conselho d'administração de marinha no Arsenal do Exercito, e deixando inexperadamente o seu lugar de capitão do porto d'Aveiro, despede-se por este meio de todas as pessoas d'esta cidade de quem recebeu os favores da sua amizade, e a todos offerece os seus limitados serviços na capital; esperando ser desculpado visto que não contando demorar-se em Lisboa senão poucos dias, de ninguem se despediu pessoalmente.

Igualmente pede por este annuncio áquelles individuos a quem por inadvertencia ficasse devendo alguma quantia, se sirvam dirigir até ao dia 10 de novembro proximo ao seu amigo o illm.º sr. Agostinho Pinheiro, que se acha auctorizado para os solver sendo os credits devidamente legalizados.

Lisboa 30 de setembro de 1862.

João Antonio de Sousa.

### OBRAS PUBLICAS

**Pretende-se dar de empreitada a construcção dos muros de vedação no lanço d'estrada de Salren a Estarreja, e na extensão de 253 metros. Aceitam-se propostas desde já até o dia 10 do corrente na casa da secção em Estarreja, onde se dão todos os esclarecimentos relativos áquella construcção.**

F. Rezende Junior.

Engenheiro chefe da secção.

**José Autunes d'Azevedo, tem á venda um bom surtimento de pannos castores de variados gostos, calças de casimira e colletes, tudo da ultima moda, e por preços commodos.**

**A folhinha ecclesiastica propria do bispado d'Aveiro, acha-se á venda nesta cidade na loja de Bento d'Amorim, na Praça,—em Avelãs de Caminha na residencia do rd.º parochio,—no Pinheiro da Bemposta, em casa de J. T. Marques,—preço 140 réis.**

### O JUDEU ERRANTE

E OS MYSTERIOS DE PARIZ (EDIÇÃO PORTUENSE)

Tendo-se exgotado a 1.ª edição destes dois popularissimos e interessantes romances, que por si só bastaram para exaltar a reputação de EUGENIO SUE, um dos vultos mais salientes na litteratura franceza; e havendo nós obtido auctorisação de seus illustres traductores e publicadores para os reimprimir em 2.ª edição, — vamos tentar esta empreza — esperando encontrar no favor publico o valioso auxilio e protecção que ella carece para a sua realisação.

O formato será identico ao da BIBLIOTHECA DAS DAMAS, e cada volume não conterá menos de seis folhas d'impressão, ou 96 paginas.

RESPONSÁVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.